

# GILKA MACHADO E O SIMBOLISMO

Ana Cristina Steffen (Doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS)

## RESUMO

Gilka Machado é figura pouco lembrada dentro da literatura brasileira. A presença da autora nas histórias da literatura muitas vezes não passa de uma mera citação de seu nome. Somente nos últimos anos Machado teve sua obra revisitada, muito devido aos estudos que se propõe resgatar as escritoras apagadas da história. Aquela que em 1933 foi eleita a maior poetisa do Brasil, tem o seu nome com frequência ligado do movimento simbolista, apesar dessa constatação não ser unanimidade entre os teóricos e historiadores. Sendo assim, constituem-se como objetivos centrais deste trabalho analisar de que forma a autora é apresentada em significativas obras de história da literatura brasileira, e até que ponto seus escritos encontram-se com a estética simbolista, tendo em vista a obra de Álvaro Cardoso Gomes acerca do movimento (*A estética simbolista* -1985; *O Simbolismo* – 1994; *O conceito de símbolo na estética Simbolista* - 2015).

**Palavras-chave:** Gilka Machado. História da literatura. Simbolismo. Poesia simbolista.

## ABSTRACT

Gilka Machado is little-remembered in Brazilian literature. Machado's presence in the histories of literature is often merely a mention of her name. It is only in recent years that saw Machado's work being revisited, mainly due to the studies that it proposes to rescue the women that have been erased from history. Machado, chosen in 1933 the greatest poetess of Brazil, has its name often linked to the symbolist movement, although theorists and historians are not unanimous about it. Thus, this article aims to analyze how Machado is presented in significant works of history of Brazilian literature and to analyze the proximity between her writings and a symbolist aesthetic, taking into consideration the work of Álvaro Cardoso Gomes about the movement (*A estética simbolista* -1985; *O Simbolismo* – 1994; *O conceito de símbolo na estética Simbolista* - 2015).

**Keywords:** Gilka Machado. History of literature. Symbolism. Symbolist poetry.

## 1. INTRODUÇÃO

Gilka Machado, nascida no Rio de Janeiro coincidentemente no ano que por muitos é considerado o inicial do Simbolismo no Brasil (1893), é figura pouco lembrada dentro da literatura do país. Somente nos últimos anos Machado teve sua obra revisitada, muito devido aos estudos que se propõe resgatar as escritoras apagadas da história literária. Estreia com a obra *Cristais partidos*, em 1915, que é seguido por *Estados de alma*, em 1917, livros que causaram escândalo na época de sua publicação devido ao seu teor erótico. Aquela que em 1933 foi eleita a maior poetisa do Brasil pela revista *O Malho*, e que poderia ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ela recusou o convite feito por Jorge Amado em 1977), aparece timidamente nas histórias da literatura, com sua presença, na maior parte das vezes, indo pouco além de uma mera citação de seu nome. É o que acontece, por exemplo, nas obras de Antonio Soares Amora (*História da Literatura Brasileira* -1954), Alfredo Bosi (*História concisa da literatura brasileira* -1970), José Alderaldo Castello (*A literatura brasileira: origens e unidade* - 1999), Afrânio Coutinho (*Introdução à literatura no Brasil* - 1980), Alceu Amoroso Lima (*Quadro sintético da literatura brasileira* - 1959) e Luciana Stegagno-Picchio (*História da literatura brasileira* - 2004). Por outro lado, nas obras de Sônia Brayner (*A poesia no Brasil – Volume I – das origens até 1920 – 1981*), Alexei Bueno (*Uma história da poesia brasileira – 2007*), Massaud Moisés (*História da literatura brasileira – Volume II – Realismo e Simbolismo – 1984*) e Erico Verissimo (*Breve história da literatura brasileira* - 1995) e é reservado um espaço um pouco mais significativo para a autora, ainda que bastante limitado. Se observa nessas obras que é frequente a divergência entre os autores quanto às classificações atribuídas à literatura de Gilka Machado: a autora surge, por exemplo, ora dentre os simbolistas, ora dentre os modernistas. Sendo assim, constituem-se como objetivos centrais deste trabalho analisar de que forma a autora é apresentada em cada uma das histórias da literatura mencionadas, e até que ponto seus escritos encontram-se com a estética simbolista, que, como se verificará na análise que segue, é aquela com a que maior frequência surge ligado, de uma forma ou outra, o nome da poetisa.

## 2. GILKA MACHADO E AS HISTÓRIAS DA LITERATURA BRASILEIRA

A presença de Gilka Machado foi identificada na grande maioria das histórias da literatura pesquisadas; exceção a isso foram as obras *História da literatura brasileira* (1938), de Nelson Werneck Sodré e *História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade* (2007), de Carlos Nejar, nas quais não consta nenhuma menção à autora. A escolha das histórias foi pensada de modo a abarcar importantes obras publicadas em diferentes épocas, sendo que a mais antiga (considerando o ano da primeira edição) data de 1945 e a mais recente, de 2007. Além disso, foram descartadas, obviamente, as obras que não abordam o período temporal em que Machado publicou, que foram escritas antes de ter início a atuação literária da autora ou que não tratam de poesia; é o caso, por exemplo, das significativas obras de Antonio Candido - *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (2000) -, de José Veríssimo - *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (1998) - e de Lucia Miguel Pereira - *História da literatura brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920* (1950). A partir da identificação da presença da autora nas obras pesquisadas é que se dá a análise a seguir.

Antônio Soares Amora (1974), coloca Gilka Machado dentro do grupo de poetas que tardiamente se uniram aos simbolistas – ao lado de nomes como Manuel Bandeira e Menotti del Pichia -, sendo assim, segundo Amora, já integrantes do Modernismo.

Alfredo Bosi (1984), ao mesmo tempo que menciona o termo “Neoparnasianismo”, afirma que, no fundo, trata-se do mesmo Parnasianismo, que, segundo o autor, permanece no Brasil mesmo sendo uma estética obsoleta. Bosi ainda afirma o estudo dos melhores poetas da época, apesar dessa apreciação negativa, aponta “aqui e ali momentos de feliz expressão artística” (BOSI, 1984, p. 235). Dentre esses poetas, o autor aponta Gilka Machado, citando-a dentre aqueles que resistiram, em geral, ao impacto do Modernismo. Mais adiante, porém, Bosi coloca a poetisa dentre aqueles “hesitantes entre as novas liberdades formais e a tradição simbolista” (BOSI, 1984, p. 343) que participavam da revista *Festa*.

Sônia Brayner (1981), sem aprofundar o assunto, afirma apenas que a obra de Machado “insere-se na linhagem Simbolista, já em transição” (p. 384). Além disso, também irá apontar

[11] GARRAFA. Vol. 17, n. 48, Junho 2019.1. “Gilka Machado e o simbolismo”, p. 8 - 21. ISSN 18092586

que dessa estética, a poeta traz “o gosto das sonoridades e variação de ritmos” (BRAYNER, 1981, p. 384).

Alexei Bueno (2007), em capítulo chamado *Às vésperas da ruptura*, afirma que o período que engloba aproximadamente o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do XX, “sem ser ainda modernista, já não seria mais exatamente parnasiano ou simbolista” (BUENO, 2007, p. 261). Segundo o autor, Tasso da Silveira, fundador da revista *Festa*, preferia usar a palavra “sincretismo”, o que Bueno considera mais exato, mesmo não tendo alcançado a mesma fortuna da denominação “pré-modernista”. O autor ainda vai reafirmar que nas duas primeiras décadas do século XX os fins do Parnasianismo e do Simbolismo coexistiram. A partir de tais constatações, Bueno descreve uma série de poetas que pertenceram a essa época, dentre eles, Gilka Machado. No parágrafo dedicado à poetisa, o autor exalta suas duas primeiras obras, *Cristais partidos* e *Estados de alma*, mas não lhe atribui nenhuma classificação mais específica, além daquelas já mencionadas.

José Aderaldo Castello (1999) cita Machado dentre os poetas do grupo ligado à revista *Festa*, o qual o autor compreende como se tratando dos herdeiros do Simbolismo que ao mesmo tempo tinham uma tendência “espiritualista” e mantinham ligação com o ainda recente movimento simbolista. O autor também aponta uma heterogeneidade de atitudes nos poetas da época, dentre eles Gilka Machado, resultado da coexistência de diferentes poéticas. Tais afirmações vão ao encontro do “sincretismo” colocado pelo já citado Bueno (2007).

Afrânio Coutinho (1980) também cita Gilka Machado dentre os poetas de uma fase sincretista, do qual fazem parte autores em que há hesitação em se classificar; Machado, então, se faz presente num espaço entre o Simbolismo e o Modernismo, no qual as vocações dos poetas rodopiavam sobre si mesmas e formavam, cada um, uma síntese própria. Afirma ainda Coutinho: “Não é, portanto, para ser esquecida a importância capital da fase sincretista, sem dúvida o veículo de muitas tendências inovadoras que constituíram o clima pré-modernista” (COUTINHO, 1980, p. 255).

Alceu Amoroso Lima (1959), de forma semelhante a Castello (1999), cita a poetisa como integrante do grupo da “corrente espiritualista do Modernismo, que iria marcar profundamente a renovação das nossas letras de então, pela obra de um grupo de jovens

escritores, reunidos na revista *Festa* (1928-29 – 1934-35)” (LIMA, 1954, p. 73). Juntamente à autora, são citados os nomes de Tasso da Silveira, Andrade Murici, Cecília Meireles, Barreto Filho e Murilo Araújo.

Massaud Moisés (2001) é quem dedica maior atenção à poetisa. Ela é primeiramente citada dentre os poetas da “quadra fronteira” entre o Parnasianismo e o Simbolismo, que Moisés indica ser denominado por alguns críticos como neoparnasianos ou neosimbolistas. Posteriormente coloca Machado, por exemplo, entre Amadeu Amaral e Martins Fontes, como parte daqueles que anunciam uma transformação radical. Mais adiante ainda no mesmo livro, são dedicadas cerca de três páginas à análise da obra de Machado; nesse espaço, porém, o autor não lhe atribui nenhuma classificação.

Luciana Stegagno-Pichio (2004), assim como Bosi (1984) coloca Gilka Machado dentre os neoparnasianos, afirmando que a autora “sublimará em espiritualismo [pertencente a revista *Festa*] uma poesia encorpadamente sensual” (p. 355). Para a historiadora, a revista apresentava uma “solução espiritualista em vestes modernistas” (STEGAGNO-PICHIO, 2004, p. 480) em contraponto à “ação destruidora e ‘primitivamente blasfema’ [...] de Mário e Oswald de Andrade” (p. 480).

Por fim, Erico Verissimo (1995), no capítulo de seu livro denominado *Os movimentados anos 20*, indica que neste período (a década de 1920) havia diversos poetas e prosadores de destaque, indicando, assim, que “uma nova era ‘geológica’ começava na literatura brasileira” (VERISSIMO, 1995, p. 104). Dentre esses poetas de destaque, ao lado de nomes como Costa e Silva e Ronald de Carvalho, o autor cita Gilka Machado, afirmando que ela “escreveu admiráveis poemas eróticos que chocaram muitos leitores, os quais evitavam olhar para seu livro, *A mulher nua*, como se cada exemplar fosse de fato uma mulher nua” (VERISSIMO, 1995, p. 105).

É curioso observar que, em metade das obras que citam seu nome, Gilka Machado surge ligada à revista *Festa*; contudo, a autora era apenas colaboradora eventual da publicação (ARAÚJO, 2011) – o que evidencia a pouca atenção e o pouco espaço que vêm sendo reservados para a poetisa nas histórias da literatura. Além dos autores mencionados até aqui, também se identificaram classificações atribuídas à Machado em outros textos. Exemplo disso

é o que diz o crítico literário Péricles Ramos, que afirma, em sua antologia de poesia simbolista, que a autora “foi a maior figura feminina de nosso Simbolismo, em cuja ortodoxia se encaixa com seus dois livros capitais, *Cristais Partidos* e *Estados de Alma*” (RAMOS, 1965, p. 209). Heloisa Buarque de Hollanda, em nota crítica da edição de 2017 da obra completa de Gilka, afirma que a poetisa estava numa encruzilhada entre o Parnasianismo e o Simbolismo, se equilibrando entre os dois ao mesmo tempo que busca o lugar de sua lírica. Carlos Drummond de Andrade, em texto escrito por ocasião da morte de Machado, em 1980, diz “Com elementos simbolistas em sua formação, tinha também algo de misticismo, e às vezes acusava preocupações de ordem social, chegando a uma espécie de anarquismo romântico” (ANDRADE, 1980, p. 7).

### 3. GILKA MACHADO E A ESTÉTICA SIMBOLISTA

A partir das considerações feitas até aqui serão analisados dois poemas da autora, tendo em vista as considerações de Álvaro Cardoso Gomes acerca do Simbolismo, visando explorar até que ponto os escritos de Gilka Machado encontram-se com a estética simbolista. Gomes em suas obras *A estética simbolista* (1985) e *O Simbolismo* (1994) e ainda no artigo *O conceito de símbolo na estética Simbolista* (2015), consultados para este trabalho, não menciona Gilka Machado; na obra *O Simbolismo* (1994), ao enumerar autores simbolistas, os brasileiros citados por Gomes são os poetas Augusto dos Anjos, João da Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

O primeiro poema a ser analisado é *Olhos pérfidos*, presente no livro *Cristais partidos*, publicado originalmente em 1915.

Olhos da triste cor dos ambientes mortuários  
onde paira uma luz de círio a tremular;  
eu um dia supus que fosseis dois alveários,  
porque havia um sabor de mel no vosso olhar.

Como no espelho arcoal de pútridos aquários  
à noite se reflete o fulgor estelar,  
a vossa podridão, olhos fatais e vários,  
vem, às vezes, um lume estranho iluminar.

Vejo, se em vosso todo acaso o olhar afundo,  
que, em vós, como no horror de um lodaçal imundo,  
geram-se ocultamente os micróbios de um mal.

E eu, que buscava abrigo à alma desiludida,  
toda me untei de lodo, infeccionando a vida,  
ao contágio da vossa emanção letal!  
(MACHADO, 2017, p. 83)

Neste poema nota-se um diálogo com o fracasso amoroso e o grotesco de Charles Baudelaire presentes em *Flores do Mal*. Ao tratar desta última temática, Gomes (2015) afirma que Baudelaire revoluciona o conceito de beleza e aponta que a dissonância, causando espanto e surpresa, retira “o leitor do marasmo, da letargia provocada pela mesmice, pela rotina da vida cotidiana” (GOMES, 2015, p. 80-81). O mesmo acontece com esse poema de Machado, ao apresentar imagens como “pútrido aquário”, “podridão” e ainda “micróbios de um mal”, certamente inesperadas em um poema, certamente inesperadas em um poema escrito por uma mulher no ano de 1915. Bastante caro ao Simbolismo, o recurso da sinestesia, ou seja, a fusão de diferentes sensações que constitui “um esforço para recuperar a linguagem original, aquela em que a palavra, mais do que simples representação dos objetos, é também coisa ela própria” (GOMES, 1985, p. 17) também faz-se presente no poema. Exemplo disso encontra-se na expressão “um sabor de mel no vosso olhar”, em que se fundem visão e paladar. O sentido de mistério, recorrente na poesia simbolista, surge como “algo que não pode ser expresso por si mesmo, sob pena de perder sua contingência de mistério. A consequência disso é que esse algo nunca deverá ser dito ou revelado, mas apenas sugerido, evocado.” (GOMES, 1994, p. 27). Assim, em *Olhos pútridos*, esse sentido de mistério é o que, em uma

linguagem obscura, sugere um eu-lírico em meio à decepção frente a um relacionamento fracassado e tóxico, o que é evocado pela transformação que se dá em relação ao “olhar” referido no poema. Diz o último verso da primeira estrofe que “havia um sabor de mel no vosso olhar” (MACHADO, 2017, p. 83), o que aponta, através do uso do verbo “haver” no pretérito imperfeito, para algo que não é mais presente, algo que sofreu uma transformação. Tal transformação é demonstrada no decorrer do poema em que o “mel” é substituído pelo “lodaçal imundo”, referindo ao mesmo olhar e sugerindo, sem o declarar diretamente, que algo doce – o mel – tornou-se repulsivo – o lodaçal imundo. E, devido a essa mudança, ao buscar “abrigo à alma desiludida” (MACHADO, 2017, p. 83), não encontrou o que procurava - o que lhe causa a decepção -, e em vez disso untou-se de lodo e infeccionou a vida (MACHADO, 2017, p. 83), o que também evoca algo de nocivo, de tóxico, relacionado ao indivíduo a quem pertencem os olhos e o olhar aludidos no poema.

O segundo poema se chama justamente *Símbolos*, e é parte do livro *Estados de alma*, que teve sua primeira edição em 1917.

Eu e tu, ante a noite e o amplo desdobramento  
do mar, fero, a estourar de encontro à rocha nua...  
Um símbolo descubro aqui, neste momento  
esta rocha, este mar... a minha vida e a tua.

O mar vem, o mar vai, nele há o gesto violento  
de quem maltrata e, após, se arrepende e recua.  
Como compreendo bem da rocha o sentimento!  
são muito iguais, por certo, a minha mágoa e a sua.

Contemplo neste quadro a nossa triste vida;  
tu és dúbio mar que, na sua inconsciência,  
tem carinhos de amor e fúrias de demência!

Eu sou a dor estanque, a dor empedernida,  
sou rocha a emergir de um côncavo de areia,

Imóvel, muda, isenta e alheia ao mar, alheia.

(MACHADO, 2017, p. 154)

Esse poema, apesar de toda a construção simbólica da dupla rocha e mar, perde em sutileza em relação ao que normalmente se observa em muitos dos poemas simbolistas; em relação ao anterior, por exemplo, perde na construção de seus símbolos e do mistério. Logo na estrofe inicial, nos dois últimos versos, o eu-lírico já deixa claro ao que se refere: “Um símbolo descubro aqui, neste momento / esta rocha, este mar... a minha vida e a tua” (MACHADO, 2017, p. 154). Ou seja, a rocha é a imagem que simboliza a vida do eu-lírico e o mar, a vida de um outro indivíduo a quem o poema faz alusão; assim, fica evidente que toda menção a “rocha” ao longo do poema representa os sentimentos do eu-lírico em relação a alguém que é, em *Símbolos*, o mar. O eu-lírico encontra na relação “rocha-mar” uma correspondência aos seus próprios sentimentos, o que, apesar da pouca sutileza com que é colocada, ainda assim pode ser relacionada com pretensões simbolistas. Isso porque, “é importante que o poeta venha descobrir qual a paisagem exata da Natureza que tenha, de maneira natural, correspondência com a paisagem de alma, para assim liberar um estado de espírito” (GOMES, 2015, p. 89), exatamente o que se dá nesse poema, com o eu-lírico expressando através da paisagem constituída pela rocha e o mar. Gomes também irá afirmar que

o objeto não é utilizado com um fim em si mesmo, como nos parnasianos; pelo contrário, serve para desencadear movimento que leva ao inefável. Não passa, portanto, de estímulo, habilmente escolhido, para que o leitor intua ou imagine o fim último sonhado pelo poeta. (...) mais do que a recuperação concreta de bens materiais (...) o poeta deseja sugerir, através da reunião de bens simbólicos, um estado de espírito que somente tais objetos poderiam criar dentro da memória (GOMES, 1985, p. 18).

Os objetos aqui em questão, rocha e mar, não são o motivo central do poema, mas, como bens simbólicos, veículos para o que pretende a poetisa sugerir acerca de um estado de espírito. Por outro lado, o poema ao insistir em expressões como “eu sou” e outras em

primeira pessoa – o que também está presente em *Olhos pérfidos*, mas com menor frequência – projeta uma subjetividade diferente daquela pretendida pelos simbolistas. Segundo Gomes, eles “optaram pela miniloquência, pela voz em surdina, utilizando-se de uma subjetividade que se recusa a fazer da poesia desaguadouro de sentimentos ou um repositório de dramas pessoais” (GOMES, 1985, p. 22), de modo a realizar uma reforma que o distanciasse dos românticos, visando, assim, recuperar a essência da poesia. Desta forma, *Símbolos*, que carrega intenções simbolistas desde o seu título, também carrega traços do Romantismo ao trazer um drama que se demonstra de forma bastante pessoal.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece consenso entre os estudiosos que Gilka Machado pertence a uma fase bastante heterogênea da poesia no Brasil, denominada como “sincretista”, “de transição” ou ainda “pré-modernista”. Contudo, direta ou indiretamente, o nome de Machado, quando surge, é ligado na maior parte das vezes ao Simbolismo. Mesmo quando sua literatura é reconhecida como produto de uma fase de transição em que há grande presença de escritores aos quais se hesita em colocar rótulos, é a esse movimento que a sua literatura remete, mesmo que, cronologicamente, de forma tardia. A leitura dos poemas analisados vem a confirmar que em maior ou menor grau o Simbolismo teve forte influência na obra da poetisa. Mesmo quando não se constrói um poema integralmente alinhado a essa estética, como é o caso de *Símbolos*, ainda assim são claros os reflexos do movimento simbolista em sua obra. Tal questão também pode ser um indicativo da posição em uma fase sincrética na qual muitos historiadores situam Gilka Machado. Por outro lado, poemas de natureza mais alinhada ao Simbolismo – como é o caso de *Olhos pérfidos* – justificam a pertença ou a ligação ao movimento atribuída à Machado por parte significativa dos autores consultados. Apesar disso, o espaço da poetisa dentro do Simbolismo ou mesmo dentro da literatura brasileira ainda é muito limitado. É curioso observar, por exemplo, a grande assimetria entre o lugar atualmente ocupado em nossa literatura por Gilka Machado e pela poetisa Cecília Meireles, sétima colocada no concurso da revista *O Malho* mencionado da introdução deste trabalho. Sendo assim, o

objetivo desta pesquisa é contribuir com os estudos dedicados à poesia simbolista e sobretudo para aqueles voltados a recuperar a obra de Gilka Machado, para que, nas palavras de Drummond, ela não mais seja “um corpo estranho num conjunto onde devia ocupar posição de direito e relevo, por sua originalidade incontestável no meio e no tempo em que atuou” (ANDRADE, 1980, p. 7).

## REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. **História da literatura brasileira**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1974.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Gilka, a antecessora. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1980. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_10&pagfis=17850](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=17850)>. Acesso em: 24 de jul. 2017.

ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. Festa e o Modernismo. **Linguagem** - Estudos e Pesquisas, Catalão, v. 15, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em:  
<<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/download/32461/17289>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

BRAYNER, Sônia Brayner (org.). **A poesia no Brasil: das origens até 1920**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.

CALÓ, Adriana. Resgate de memória: quem foi Gilka Machado? **Obvious**. Disponível em:<[http://obviousmag.org/coisas\\_de\\_dri/2017/resgate-de-memoria-quem-foi-gilka-machado.html](http://obviousmag.org/coisas_de_dri/2017/resgate-de-memoria-quem-foi-gilka-machado.html)>. Acesso em: 3 de jul. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2 v.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)**. São

Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DUARTE, Contância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, set./sez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010)>. Acesso em: 30 mai. 2016.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Gilka Machado** - as múltiplas faces: o desejo, o amor, a angústia e a dor. Templo Cultural Delfos, maio/2013. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2013/05/gilka-machado-as-multiplas-faces-o.html>>. Acesso em 24 jul. 2017.

FILGUEIRAS, Mariana. Pioneira da poesia erótica, Gilka Machado tem obra relançada por jovem. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 fev. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/pioneira-da-poesia-erotica-gilka-machado-tem-obra-relancada-por-jovem-20985765>>. Acesso em: 27 de jun. 2017.

GILKA Machado. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5019/gilka-machado>>. Acesso em: 25 de Jul. 2017.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A estética simbolista**. São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Simbolismo**. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. O conceito de símbolo na estética Simbolista. **Lumen et Virtus**, São Paulo, v. 6, n. 12, mar. 2015. Disponível em: <[http://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero\\_12/PDF/simbolo\\_estetica\\_simbolista.pdf](http://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_12/PDF/simbolo_estetica_simbolista.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

GOTLIB, Nadia Battela. **Gilka Machado** (1893 - 1980). Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: São Paulo, S/D. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/78>>. Acesso em: 27 de jun. 2017.

LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora: 1959.

MACHADO, Gilka. **Poesia completa**. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2017.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Realismo e Simbolismo**. 4. ed. São

Paulo: Cultrix, 2001. 2.v.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul, 2007.

PEREIRA, Lucia Miguel. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção - de 1870 a 1920. São Paulo: José Olympio, 1950.

QUAL a maior das poetisas brasileiras? **O Malho**, Rio de Janeiro, 18 mar.1933. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=77967>>. Acesso em: 24 de jul. 2017.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Gilka Machado. In: \_\_\_\_\_. **Poesia simbolista**: antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 7. ed. São Paulo: Difel, 1982.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERISSIMO, Erico. **Breve história da literatura brasileira**. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 5. ed. Brasília: UNB, 1998.